

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
OS MARES DA EUROPA
17 de maio de 2021

AS ILHAS ENCANTADAS / 1965

um filme de Carlos Vilardebó

Realização: Carlos Vilardebó / **Assistentes de Realização:** Fernando Matos Silva, Zeni d'Ovar / **Argumento:** Raymond Bellour, José Cardoso Pires, Jeanne e Carlos Vilardebó, segundo a novela *The Encantadas* (1854), de Herman Melville / **Direção de Fotografia:** Jean Rabier / **Chefe Operador:** Augusto Cabrita / **Assistentes de Fotografia:** Elso Roque, Acácio de Almeida / **Montagem:** Sylvie Blanc / **Música:** Philippe Arthuys, J. S. Bach / **Cenários, decoração e vestuário:** Jacques Schmidt, Pedro Coelho / **Interpretação:** Amália Rodrigues (Hunila), Pierre Clémenti (Pierre Duchemin), Pierre Vaneck (Manuel Abrantes), João Guedes (Faial), Jorge de Sousa Costa (Gonçalves), João Florença (Jacinto), António Polónio (Filipe), Guy Jacquet (pintor), Belarmino Fragoso (marinheiro), Cunha Marques, José de Castro, Ricardo Jorge.

Produção: António da Cunha Telles e Les Filmes Number One (Paris) / **Chefe de Produção:** Maurice Frydland / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, em 35mm, cor — preservada em 2007 a partir dos negativos de som e imagem originais / **Duração:** 89 minutos / **Estreia:** Tivoli, a 15 de Março de 1965.

Produzida pelo madeirense António da Cunha Telles, AS ILHAS ENCANTADAS foi a primeira longa-metragem do luso-francês Carlos Vilardebó, antigo assistente de Jacques Becker, Jean Grémillon, Julien Duvivier e Agnès Varda. Baseado numa novela de Herman Melville adaptada por Jeanne e Carlos Vilardebó, com a colaboração de Raymond Bellour e José Cardoso Pires, e rodado inteiramente no arquipélago da Madeira, AS ILHAS ENCANTADAS é o relato na terceira pessoa de uma aventura marítima oitocentista. Durante a exploração de um arquipélago vulcânico pouco conhecido onde abundam tartarugas gigantes são descobertos dois naufragos: a jovem Hunila, interpretada por Amália Rodrigues, e um marinheiro francês, interpretado por Pierre Clémenti. O seu salvamento significou, porém, a interrupção de uma história de amor improvável. Pierre Vaneck interpreta o papel de Manuel Abrantes, o imediato do navio explorador, o “Gazela”, que, anos mais tarde, recorda aquela viagem.

Como Luis de Pina já sublinhou, o filme de Vilardebó segue uma linha ausente do cinema português que Cunha Telles tinha produzido até ali. AS ILHAS ENCANTADAS afasta-se da contemporaneidade e das metáforas sobre a sociedade portuguesa de BELARMINO e de OS VERDES ANOS. Pelo contrário, o filme de Vilardebó instala o espectador no universo literário do conto, da aventura marítima oitocentista, puxando-o para o interior de uma elaborada estrutura narrativa de “história dentro da história” (mudando de “tempo passado” e de narrador sucessivas vezes) onde importa menos o que se passa do que o que se diz, ou o que se escuta, e, acima de tudo, o que se vê: os trabalhos de navegação e de exploração, primeiro, o isolamento das ilhas e a descoberta da história que liga os seus vários naufragos, depois. A qualidade literária tanto dos diálogos como da narração, como a própria inverosimilhança da situação,

desnaturalizam por completo o filme. O trabalho dos actores surge assim como suporte dos “encantamentos” sucessivos enquadrados pela paisagem agreste das ilhas e pela fotografia cuidada de Jean Rabier. As sequências do isolamento de Hunila, aliás, prescindindo quase inteiramente de diálogos e de narração em *off*, dão-nos talvez alguns dos melhores momentos do filme e revelam tanto o talento de Amália como actriz, como o de Vilardebó como realizador capaz de construir a enorme carga dramática e psicológica de uma situação e de uma personagem a partir dos mais pequenos detalhes e do quase imobilismo de um corpo. Amália nunca é apenas a actriz de cinema Amália Rodrigues, mas este filme mostra como o seu talento de representação pode prescindir inteiramente dos habituais “números musicais” que ajudaram a imortalizá-la, no cinema, quase sempre primeiro como fadista, e só depois, incidentalmente, como actriz.

A maneira como usa o xaile, nobremente, sobre os destroços do seu vestido; o modo como abre caminho no convés do “Gazela”, mantendo uma grande segurança e orgulho ao mesmo tempo que aceita a ajuda dos marinheiros com toda a fragilidade da náufraga que acabou de reencontrar o convívio com os homens e, acima de tudo, a sua condição de mulher; a sua despedida de Filipe, depois de o ter enterrado sozinha, escavando a terra com as próprias mãos; a imagem do seu isolamento dada na cena em que se senta na praia, fitando o horizonte ao mesmo tempo que aperta e desaperta, absolutamente esquecida de si mesma, o vestido — tudo isso nos dá a medida da enorme inteligência e do grande talento de Amália como actriz.

A história de amor, frustrado, com Pierre, o náufrago voluntário cuja língua Hunila ignora, mas cujos sentimentos mesmo assim nunca parece deixar de entender, volta a instalar o filme no universo literário da aventura marítima, recompondo as coordenadas básicas da referência romanesca clássica de Daniel Defoe. Este “idílio casto, desconfiado, entre o brilhante Robinson e o belo Sexta-Feira, vestido como uma comungante” era, como escreveu ainda Jean-Louis Bory, “demasiado belo para ser verdadeiro” e fazia do filme uma obra “fabulosa” e por isso, tão fora do tempo, tão longe do presente e do restante panorama cinematográfico português dos anos sessenta.

TIAGO BAPTISTA